

# A BATALHA

## A cidade de Lisboa

O nosso artigo de ontem sobre a necessidade de se cuidar a valer dos melhoramentos da cidade de Lisboa causou uma esplêndida impressão entre os nossos leitores e, principalmente, entre os operários sem trabalho cuja situação parece não encontrar solução próxima e eficaz.

Mas não interessa ao operariado qualquer grande melhoramento que se faça na cidade apenas pelo interesse que o ligue à solução da crise de trabalho. Interessa-lhe também pelo lado moral e estético.

Só pessoas sem coração nem sensibilidade podem quedar-se indiferentes perante o atrazo em que se mantém este país e, principalmente, a sua capital tão visitada pelos povos mais variados do mundo.

Dizer-se que o homem é produto do meio ambiente é já uma banalidade. O ambiente depressivo em que o lisboeta vive não admira que seus hábitos sejam atrazados e que a sua mentalidade seja acanhada.

As obras de beleza, a estética das cidades onde se vive têm uma poderosa influência na feição moral dos povos.

O habitante de Berlim, por exemplo, não é superior em civilização ao lisboeta apenas porque a instrução seja mais perfeita e espalhada naquela cidade do que em Lisboa. E' porque o berlinense vive cercado de obras de beleza, transita por ruas amplas, medra na contemplação de obras mais perfeitas.

Embelezar e melhorar Lisboa é elevar o nível moral do povo, é torná-lo semelhante aos povos mais adiantados da Europa.

Quando surgem iniciativas que contribuam para o aperfeiçoamento do ambiente onde vivemos, nós, como jornal operário, que lutamos pela emancipação moral e social do povo trabalhador, não fazemos senão a nossa obrigação aplaudindo-as e ajudando, no nosso campo, a sua realização.

O projecto das obras do Parque Eduardo VII merece-nos especial simpatia porque está dentro desta nossa maneira de ver e porque, estamos certos, dotaria a cidade de um dos muitos melhoramentos que ela tão instantaneamente requiere para não se envengonhar perante a grandeza e superioridade de outras capitais que dispõem de menos recursos naturais do que a nossa.

O operariado da construção civil que vem seguindo com a merecida atenção as nossas considerações sobre o assunto está disposto, ao que parece, a intervir. E bem andará se assim proceder porquanto não só beneficiará a sua classe com essa intervenção como a cidade, a população lisboeta.

## O suplemento literário de A BATALHA continua a ser uma das publicações melhores no seu género

O suplemento literário de A Batalha que se publica amanhã é dos mais variados e curiosos. Mantém os seus créditos de semanário mais interessante no género que em Portugal sai à luz da publicidade.

Nogueira de Brito disserta sobre o cinema e a sua função educativa. Um médico brasileiro, dr. Pernambuco, Filho, a propósito dos vícios modernos da cocaína, morfina e ópio, insere um artigo notável apontando as consequências funestas desses venenos da moda, num estudo ponderado e profundo.

Júlio Eduardo dos Santos prossegue as suas considerações pedagógicas de flagrante actualidade na *Carta a uma criança de oito anos* que tão bem acolhida tem sido pelo nosso público.

O grande enigma da *Atlântida*, estudo de Paul Becquerel, é, pelas revelações estranhas que contém, um dos artigos que maiores atenções chamou.

Duarte Lopes publica um conto curioso, *António, filho bastardo*, escrito numa linguagem elegante e sobria, onde se nota um acentuado sabor regional.

Mário Domingues termina neste numero a sua esquisita novela *História de um homem que nasceu no século XXI*, cujo desfecho imprevisto deixa o leitor sorridente e bem disposto.

Insere ainda o suplemento de amanhã um belo artigo de Soledad Gustavo sobre a emancipação da mulher que deve merecer a especial atenção dos nossos leitores.

Não esqueceu, é claro, a inserção das apreciadas secções *O que todos devem saber*, e *Chico, Zeca & C.* para fazer do suplemento literário de A Batalha uma publicação completa no seu género.

## O nono grupo dos liceus

O professor do liceu de Sá da Bandeira, sr. José Júlio Marques Leitão de Barros, foi autorizado a apresentar-se para o estrangeiro, em missão gratuita de estudo na França e Alemanha, onde visitará os estabelecimentos de ensino secundário para verificar os progressos das matérias que constituem o 9.º grupo dos liceus.

## As opiniões erradas do sr. Freire de Andrade acerca de São Tomé e Príncipe

Numa entrevista concedida ao *Século* em 23 de Agosto disse o sr. Freire de Andrade, entre outras coisas com respeito a São Tomé e Príncipe, que a produção daquela colónia anda por metade da de há dez anos. Sua excelência é um tanto ou quanto exagerado nessa afirmação.

Não queremos ter o arrojo de negar ao sr. Freire de Andrade os seus méritos de colonialista distinto, mas no que disse nessa entrevista, respeitante a São Tomé e Príncipe, demonstra que, ou não conhece aquela colónia, ou fê-lo, obedecendo a fins propósitos.

Não resta a menor dúvida que a produção de cacau daquela colónia tem diminuído bastante: mas daí a menos de metade, ainda vai uma distância muito regular.

A agricultura de São Tomé nunca se farta de chorar, e com as suas lágrimas de... corcodello, quasi sempre tem conseguido os seus fins.

Em 1921 quando o sr. António José Pereira, então governador da colónia, precisou, pela primeira vez depois de ter principiado a Grande Guerra, aumentar os direitos de exportação ao cacau e outros produtos da colónia, os agricultores de São Tomé pagaram e pagaram bem a certo advogado para lhes escrever uma espécie de "folha solta" que publicaram e nós, no jornal local *O Modesto*, de 29 de Setembro desse ano, intitulamos de: *Documento mentiroso*.

Afirmavam os senhores agricultores, que: "exceptuando a contribuição de registo e o imposto do selo que nesta colónia ainda eram regulados por diplomas anteriores à guerra europeia, nenhuma outra matéria colectável existia que, por sucessivos diplomas e desde 1914 para cá, não fosse ou de novo colectada ou devidamente actualizada".

Esse documento foi publicado e distribuído, se não estamos em erro, em 18 de Agosto desse mesmo ano e nós podemos demonstrar no jornal que citámos, e de maneira que não pôde ser desmentida, que todas as contribuições existentes, excepto a do álcool, — excepto... a... do... álcool! — entendam-se sua excelência bem! — eram todas anteriores a 1914, ano em que começou a guerra, sendo os direitos do cacau e do café os mesmos que haviam sido postos em vigor em 1892 e os adicionais os mesmos de 1894.

### A variedade da produção agrícola da colónia

Também no mesmo documento os senhores agricultores diziam: *A Alfindega porém, se encarregará de demonstrar a v. ex.ª — o governador — que somas não quem tem razão e que o cacau que se vier a exportar no corrente ano talvez não chegue a 16.000 toneladas.*

Aos senhores agricultores de São Tomé parece que aquela colónia não produz selo cacau; eles, nunca se referem ao café, à quina, ao azeite de palma, copra e coco; para eles só há cacau e mais nada; mas nós, mais adiante diremos o valor desses produtos e no jornal que já citámos, podemos demonstrar categoricamente, que o cacau exportado até 31 de Agosto desse ano, atinja já a totalidade de 15.000 toneladas e com o que haviam exportado desde essa data até 29 do mês seguinte, data das nossas afirmações, ultrapassava já e muito, as 16.000 toneladas que eles diziam que não chegavam a exportar nesse ano. São sempre assim os senhores agricultores de São Tomé. Quando algum governador lhes pretende aumentar algum centavo nos direitos de exportação do cacau, saem logo à estacada com a mesma choradeira de sempre. Saem é como quem diz: pagam a quem saia por eles. Isto, claro está, sem desdouro para o sr. geral.

Mas como é que os senhores agricultores de São Tomé nos querem convencer que o cacau não pode ser mais onerado, quando o milho em Angola, que é um género pobre, paga mais direitos de exportação que o cacau de São Tomé, que é um género rico?

As contribuições em Angola são, em muito, superiores às de São Tomé.

A mão de obra em Angola, a pesar de ser de ali oriunda, é mais bem paga que em São Tomé. Queremos dizer: O serviço em Angola na sua própria terra, é mais bem pago, ganha maior salário que o serviço que daquela colónia veio exportado para São Tomé e que ainda ali se encontra — ouça-me bem o sr. Freire de Andrade — que ainda ali se encontra, quer ele esteja ou não ao abrigo da lei, não é isso que pretendemos discutir neste momento; esse assunto, fica para depois. Qual é, pois, o motivo porque o cacau em São Tomé há de pagar menos que o milho em Angola?

Diz o sr. Freire de Andrade, que há 10 anos a produção orçava por libras 2.000.000, e que o cacau valia então 18 shill. ingleses, e hoje só vale 14.

Mas também a libra esterlina então só valia 5500 e hoje vale 100500, não contando com a grande temporada em que os senhores agricultores de São Tomé vendem os seus produtos valendo a libra 120500, 150500 e até próximo a 200500. O cacau fino, de 1.ª, em 1914 valia cada arroba 3390 e hoje vale 75300; o de 2.ª valia 3360 e hoje 65300.

ganhar muito e pagar pouco

Mas a colónia de São Tomé só produz e exporta cacau?

Porque é que o sr. Freire de Andrade não fala na grande quantidade de café que a colónia exporta e que em 1914 valia o de 1.ª, cada arroba, escudos 12500 e hoje vale 180500; o de 2.ª, valia 11550 e hoje vale 105500.

A quina e o azeite de palma que então pouco se exportavam e também pouco valiam e hoje valem muito e se exporta em grande quantidade?

E porque é que o sr. Freire de Andrade não fala também na copra e no coco que em 1914 a sua exportação era quasi nula, desenvolvendo-se extraordinariamente durante a guerra, e hoje a colónia exporta em larga escala, e então valia a copra, cada arroba, 2515 e hoje vale 39500; o coco valia então 1549 e hoje vale

29500. Isto, para sua excelência, são bagatelas, que nada valem! Não admira que assim seja...

E quanto paga a Agricultura de São Tomé aos seus empregados europeus? Exceptuando algumas roças, poucas, o resto são uma desgraça. Há empregados de mato que não ganham para o calçado que estragam!

E que diremos da sua alimentação? Nisso nem é bom falar; temos conversado.

No que respeita a pessoal preto, serviços, ponhamos um vultoso assunto tão delicado. Como já atrás disse, não é neste momento que pretendemos tratar este assunto; mas não perdemos, garanto-lhes, pela demora.

Mas isso mesmo é que os srs. Freire de Andrade e dr. José Beneditos, agricultores amadores, deviam harmonizar junto dos agricultores "de verdade" e não vir cá para a imprensa com fantasias deturpadas as coisas, como que se os outros, que conhecem bem São Tomé e todos os seus meandros, não possam ter a faculdade de vir perante o público esclarecer a verdade nua e crua, pondo as coisas no seu devido lugar.

### A mão-de-obra em São Tomé

Diz mais o sr. Freire de Andrade que os indígenas de São Tomé não trabalham e que Angola e Moçambique recusam o fornecimento da mão-de-obra a São Tomé, a pesar de a fornecerem a colónias estrangeiras.

Note-se que foi o general sr. Freire de Andrade que abordou o assunto de serviços, mas nós prometemos-lhe, por agora, falar só o indispensável para lhe responder.

Os indígenas de São Tomé não trabalham como os serviços; é certo; uns porque não precisam, outros porque a isso não estão habituados. Nós não os atacamos nem os defendemos; mas como desde tempos remotos estão na posse de certas imunidades que sucessivamente lhes foram concedidas em ordenanças e cartas régias, será difícil, senão impossível, arrancar-lhes; só o tempo, com as suas necessidades inerentes, lhes poderá modificar os hábitos. Continuaremos no próximo numero a análise imparcial e serena às afirmações do sr. Freire de Andrade que, pelo facto de ser um grande colonialista, erra como qualquer mortal.

António LUZ

## Notas & Comentários

### Um caso misterioso

José dos Santos entreteinha-se há dias pescando junto da muralha da Junqueira quando de súbito viu um vulto lançar-se à água. Era uma rapariga de 16 anos. Obedecendo mais a um impulso generoso do coração do que ao incitamento de certo jornal que anuncia propostas de prostituição na página dos anúncios, José dos Santos salvou a rapariga. Transportou-a para o posto da guarda fiscal e dali a levaram para o pavilhão da Colónia onde ficou internada. Depois começou o mistério: de noite foi um sujeito buscado. E pelas imediações começaram a correr boatos que talvez tenham fundamento sólido e escandaloso... Um pesado silêncio paira agora sobre o misterioso caso.

### O martírio dos aprendizes

A exploração que se exerce sobre o operariado é sempre revoltante. Mas muito mais o é quando incide sobre crianças. O martírio dos aprendizes ainda está por descrever. Vem estas considerações a propósito de um caso que ontem se passou numa oficina metalúrgica, na rua do Crucifixo, 19, 1.º. O aprendiz de serralheiro Carlos do Rosário Farinha, que tinha sido despedido injustamente, ao exigir o pagamento de uma hora de trabalho que lhe deviam foi bárbaramente espancado pelo dono da casa, A. Correia Marques, e seu sobrinho Daniel. É preciso que os adultos evitem estes vexames infligidos às crianças.

## Realiza-se hoje uma grande festa em favor dos presos sociais

E' hoje pelas 21 horas que se realiza no Salão da Construção Civil a grandiosa festa em benefício dos presos por questões sociais, levada a efeito pelo Comité Pró-Presos por Questões Sociais.

O programa é o seguinte:

Conferência pelo camarada José Carlos de Sousa, «A lei da vida».

1.ª parte—Subirá à cena o emocionante drama em 3 actos, «Os Filhos da Canibal».

2.ª parte—«O Pecado da Simoni», desempenhado pelo conceituado Grupo Dramático Solidariedade Operária.

A parte musical será executada por um distinto grupo, que por especial deferência accedeu ao convite que lhe foi feito neste sentido.

Nenhum trabalhador deverá deixar de tomar parte nesta festa, visto tratar-se duma festa de solidariedade às vítimas da luta social.

Os bilhetes encontram-se à venda na sede do comité e na Federação Ferroviária. Pede-se a todos os organismos que ainda não enviaram as importâncias dos bilhetes que lhe foram enviados, para o fazer até ao dia 9 do corrente.

## O Horário de Trabalho e os empregados do comércio

A reunião que o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria tinha convocado para amanhã, segunda-feira, fica transferida para quarta-feira, 13 do corrente, pelas 21 horas, para tratar da fiscalização do horário de trabalho e outros assuntos de imediato interesse para a classe.

## O QUE VAI PELO ESTRANGEIRO

### A guerra na China

A intervenção dos americanos

HONG-KONG, 9.—Chegaram aqui 2 navios de guerra americanos a fim de protegerem os cidadãos americanos. —(H.)

Uma derrota das tropas governamentais

CANTÃO, 9.—As tropas de Cantão infligiram uma grande derrota às tropas governamentais. —(H.)

## O fascismo italiano

### O partido fascista reorganiza-se

ROMA, 9.—O grande conselho fascista ocupou-se ontem à noite da recente conspiração contra Mussolini, e prosseguiu hoje no estudo da nova organização do partido. —(L.)

## Os conservadores ingleses

### declaram ser a greve inconstitucional

LONDRES, 9.—O congresso anual do partido conservador aprovou uma moção declarando inconstitucional toda e qualquer greve geral, e preconizando a adopção de excepcionais medidas contra os agitadores bolchevistas. —(L.)

## Os princípios

casam civil e religiosamente, com Deus e com o Diabo

PARIS, 9.—O casamento do príncipe herdeiro da Bélgica com a princesa da Suécia está marcado para o próximo mês de Novembro.

A cerimónia civil realizar-se-á a 3 da noite e o enlace religioso a 10 do mesmo, o primeiro em Stoccolmo e o segundo em Bruxelas. —(L.)

## O que pensam lá fora

### a nosso respeito

PARIS, 9.—Corre o boato de ter estalado um novo movimento militar em Portugal, a cuja frente se afirma estar o coronel João de Almeida. —(L.)

## O Congresso da Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais é um acontecimento social de valor

Como dissemos, é no próximo dia 13 do corrente e aproveitando a comemoração do nefando crime de que foi vítima Francisco Ferrer, que se realiza o Congresso das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais, organismos operários de educação social que procuram federar-se entre si e de marcar de vez o caminho que lhes está indicado como se propuseram quando se constituíram.

A pesar de algumas das referidas escolas já terem existência há um caminho de meia dúzia de anos, o que é certo, e já tivemos ocasião de o dizer em A Batalha, é que nenhuma delas cumpriu o programa a que se propuseram, dando-se, até, a triste coincidência de retrocederem a ponto de nos parecer, a pesar dos títulos que escolheram para si — que o seu fim era tudo menos educarem os pequenos proletários a compreender a vida e a sua futura missão na sociedade.

Nós bem sabemos que não era possível instituir, de momento, organismos que satisfizessem as aspirações idealistas dos seus fundadores — para que rapidamente se formasse um grande exército de revolucionários que puzesse termo à sociedade madrastra que hoje tem existência e que Ferrer e os seus companheiros albulou com a poderosa propaganda libertária da educação!

Mas, por isso mesmo, e porque foi sempre difícil concenar as vantagens dispersas que hoje se reúnem, é que se formou uma comissão que procurou dar corpo à ideia de federação entre as diversas escolas e bibliotecas — ideia que caminhou seguramente e que vai triunfar no próximo dia 13, com a realização dum congresso que há de ser um acontecimento social de valor.

Embora à primeira vista pareça que a ideia da Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais não tem aquele valor que aqui lhe estamos dando — o que é certo é que se os leitores deste jornal e os amigos das ideias libertárias pensarem bem, e virem melhor que as referidas escolas e bibliotecas são organismos destinados tanto à educação dos já homens como dos filhos destes e que a maior parte da sua acção converge para a população dos sindicatos procurando insular-lhe conhecimentos sociais, há de compreender que a Federação, por ser o conselho de delegados dos organismos aderentes tem de facto um certo valor — demais que a sua missão é estabelecer inter-câmbio de ideias com as diversas Internacionais do Ensino para procurar dar às suas escolas aquela orientação pedagógica mais consistente com a ciência e a humanidade!

Do referido congresso devem tomar parte para cima de quinze organismos — e a elevação assistir, a pedido da Federação, diversos elementos do professorado que marcam na vanguarda das ideias como os propulsores da Escola Nova! Por todo o país podem dever haver mais organismos que estejam nas condições de dar a sua adesão moral ou material a esta bela obra — a este grande passo para um futuro melhor! A eles nos dirigimos pois, certos de que não deixam sossobrar o melhor esforço até hoje aparecido para impulsionar a marcha para um Mundo Novo.

A Confederação Geral do Trabalho Portuguesa, Associação dos Professores de Portugal, Universidades Livres e Populares, — a todos os organismos e indivíduos que sympathem com o desenvolvimento da educação racionalista, do moderno ensino pedagógico concentrado na Internacional do Ensino de Paris, aqui deixamos o nosso apelo!

A Comissão Organizadora das Federações das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais.

## OS CRIMES DOS MOAGEIROS

## Uma repugnante medida da Companhia Nacional de Alimentação que pode ser funesta para os consumidores

Proseguimos hoje no nosso combate aos crimes dos moageiros. Já dissemos que devido às suas exigências do pagamento elevado das médias os caixeiros roubam o público conseguindo para si e para o poderoso feudo, ilicitamente, uma grande verba arrancada das migalhas dos que trabalham.

Há mais. A Companhia Nacional de Alimentação vai mais longe. Quando não pode obrigar o caixeiro a meter as mãos no bolso do consumidor, quando não consegue levar o amassador à fraude impõe medidas severas, tão severas que lançam os trabalhadores da panificação no pior dos desesperos.

Ultimamente a Companhia Nacional de Alimentação fez correr pelos seus estabelecimentos de fabrico de pão uma ordem que não pode ficar sem os nossos comentários.

Segundo essa ordem os dormitórios não poderão ser lavados mais do que uma vez por mês. E por sua vez os fiscais para tornarem mais imundas as padarias não autorizam que as lavagens se façam mesmo dentro dessa ordem, resultando daí haver dormitórios que estão dois meses sem serem lavados.

Ora, como nós demonstrámos na nossa reportagem sobre as padarias, estes estabelecimentos estão numa situação horrível. Especialmente esses dormitórios, devido às suas péssimas condições, já eram verdadeiros focos irradiadores de um sem número de doenças. E agora acumulando durante mais de um mês toda a imundície tornaram-se um verdadeiro perigo para a saúde pública.

Todavia a Moagem não se preocupou com a saúde dos consumidores. Pouco a afilige que amanhã o povo morra envenenado. O que a esse abjecto feudo não lhe convém é pagar as despesas que as limpezas dos dormitórios comportam.

E quer o leitor saber como procede a Companhia Nacional de Alimentação para se eximir à responsabilidade do seu criminoso e atrevido gesto? Dando verbalmente essa ordem para que a Direcção Geral de Higiene não a conheça. Quer dizer: se a Companhia, a exemplo do que faz com outras ordens, mandasse afixar uma ordem escrita com estas determinações facilmente era chamada à ordem pelas autoridades sanitárias.

Assim nenhuma responsabilidade tem no acto, a menos que a Direcção Geral de Higiene mande proceder a uma rigorosa fis-

calização, chamando à ordem esses envenenadores do povo.

Isto é no que concerne à higiene das padarias. Porém, no que se refere à ganância dos moageiros, o atrevimento da Companhia Nacional de Alimentação vai mais longe.

A Companhia, por intermédio dos seus fiscais, determinou aos forneiros que não consumissem mais de 8 molhos em cada saca de farinha, 75 quilos. Aquele forneiro que transgrida vai para a rua, como já sucedeu a um.

E como consegue o pobre forneiro atender as exigências da Companhia? Deixando o pão esbranquiçado e seco. Isto é, impróprio para o consumo. Para cozer o pão convenientemente o forneiro tem que consumir mais pinho do que aquele que lhe foi estabelecido.

Devido a esta circunstância o pão tem menos peso, e o caixeiro, para cobrir a diferença, lá vai buscar aos bolsos do consumidor mais uns escudos.

Decididamente esta Companhia Nacional de Alimentação em processos deixa a perder de vista os bandoleiros de que nos fala a história!

Nota da redacção — A propósito dos artigos por nós publicados sobre os crimes dos moageiros temos recebido inúmeras cartas de felicitação e duas de discordância, estas assinadas por um ex-agente de fiscalização e pelo manipulador de pão José Abrantes Castanheira, que se encontra na enfermaria no Forte de Monsanto.

A carta do ex-agente de fiscalização diz-nos que é razoável a nossa campanha mas que não há agentes da Bolsa Agrícola que se mancomunem com os caixeiros de padaria. O que há, segundo esse ex-agente, são malandrinhas que exibem vários bilhetes de identidade, mas não da Bolsa Agrícola, para apañarem dinheiro aos papalvos.

Poderíamos provar ao nosso contraditor, se não nos repugnasse o papel de delatores, que há agentes da Bolsa Agrícola que procedem como os malandrinhas da sua carta.

Quanto à carta de José Abrantes Castanheira observaremos que é possível, devido à pressa febril do jornalismo, que no nosso artigo se publicasse alguma inexactidão. Porém, com a clarificação que fizemos há dias, ficaram realbitados todos aqueles injustamente atacados. O resto é de importância secundária que não merece mais largas referências.

## Contra a carestia da vida

### O povo consumidor do Porto parece esquecer a miséria em que vive

PORTO, 8.—A Comissão de 'agitación contra a carestia da vida, nomeada pela C. S. T. P. não só para tratar daquele momento problema como ainda da crise e horário do trabalho, tem envidado os seus esforços para que as respectivas sessões públicas de protesto resultem o mais significativas possíveis.

Infelizmente — e nós não devemos mentir à massa popular, à massa escravizada, aquela que hora a hora ouvimos choramingar as suas desditas e praguejar contra o abuso descarado de todas as qualidades de comércio, nos seus esbulhos impiedosamente, não tem querido corresponder aos continuados apelos da referida comissão.

As sessões que deviam sempre marcar pela sua concorrência literal e pela sua indignação rubra contra o saqueio mercantilista, ou não se efectuam pela intervenção da autoridade quando se lembra de saquear responsabilidades exigindo ordens especiais ou por falta de público extorquido que se interesse é próprio pela cruelíssima situação de miséria que o tortura moral, económica e fisicamente — ou, então, quando se realizam, é tão diminutíssima a assistência, que são quasi tanto os oradores como os ouvintes.

Se o movimento de repulsa contra a ferocidade ladrava exercida em todos os campos não atinge aquela alacridade que a conjuntura excepcional singularmente reclama, a culpa não se pode extrair-la do descuido de se chamar à realidade as populações furtadas nos seus direitos e que tão desvairadamente desprezam a sua vida de humilhações...

A C. S. T. P. tem feito por despertar as camadas letargadas, buzindo-lhes todos os desvios, todos os perigos, todos os vícios tirantes e roubalheiros em que estão prestes a redormir numa letargia macabrosa...

Nada lhes vitaliza a energia, são cadáveres com aparentes vislumbres de existência.

Parte desta gente, que não parece desta que apostada a desfazer-se em água e a deixar-se arrastar nas inundações, nas enxurradas, das suas próprias gotas de humor lacrimal a formarem oceanos de prantos ridículos...

Verificando esta modorra "mortuária" da multidão, alguns honrados comerciantes da nossa praça dizem todos tranquilizadores: «Ora, ora... Bem se importa o povo com cantigas». A vida foi sempre isto, e quem assim não entender e não se governar, está

bem arranjado... O povo é sempre povo e já não assusta ninguém... 1

E, de facto, estando assim como ele está, insensível, lórrão, anquilosado e acéfalo, não é de fazer estarecer a ladrocinha comercial e industrial...

Desta maneira, a C. S. T. P. não pode desempenhar-se bem da missão a que se propoz — e nós em vez de enviarmos relatos desenvolvidos de reuniões onde estudasse o sangue revoltado de um povo digno, ativo e forte contra os que o escarnecem — vemo-nos na contingência de comunicar esta pobreza moral franciscana e de exteriorizar, compungidamente, esta máguia que nos consume...

Mas se assim o querem... que seja assim...

## Os motivos do encarecimento do peixe, segundo um interessante comunicado da Associação dos Descarregadores de Mar e Terra

A propósito do nosso artigo sobre o assombaramento do peixe feito pela Associação Comercial de Pescarias, L., a Associação de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra enviou-nos o comunicado que gostosamente publicamos a seguir:

«Temos acompanhado com especial atenção a campanha encetada pela A Batalha contra a carestia da vida. Não poderíamos ficar silenciosos ante a local referente ao assombaramento de peixe, e, em especial, na parte referente ao pessoal descarregador, pois que sendo este a quem quasi sempre são inculcadas responsabilidades na sua escolha do peixe, é, no entanto, não só um joguete nas mãos dos potentados, mas também uma vítima dessa camarilha que de cerviz curvada refocila ante os Reis da Pesca».

Mas vamos ao nosso caso:

Quando o peixe deveria ser mais barato, é na época do inverno. Chegam por vezes a estarem aptos a descarregar-se 70 e mais barcos, que muitas vezes trazem uma média de 30 a 50 toneladas de peixe de diversas qualidades.

E perguntará o leitor: Mas porque é que havendo tanto peixe o seu custo é exorbitante?

Os fardadores dizem aos poderes públicos, que por não terem cais acostáveis, lhe tornam os seus prejuízos, porque também é conveniente esse estado de coisas, não só como manifesto prejuízo dos trabalhadores, como do público consumidor.

O pessoal que trabalha 12 e 14 horas seguidas, e quantas vezes 16 trabalha com



material antiquado e que já de há muito deveria estar na sucata. O peixe depois de devidamente lavado, esfolado, e encaixotado, vai para a loja para ser vendido. Antes, porém, de abrir o mercado são os caixotes verificadas pelo sub-delegado de saúde, que numa rápida visita a quatro ou cinco mil caixotes, os dá aptos para a venda.

Para o monte, para ser inutilizado com criolina, só vai aquele que já na escola foi inutilizado e raramente algum caixote que pelo cheiro denuncie a não conveniência de ser vendido. Segundo depois do mercado acabado para o guano.

Então é ver esse confrangido cortejo da ganância. O peixe que poderia vender-se a cincoenta e mais por cento mais barato, segue para o guano... enquanto uma multidão esfomeada invade o recinto e vai procurar nos resíduos, algum, que por esquecer não levou criolina...

Mas os armadores tiram nos seus órgãos que se o peixe se deteriora, é não só pelos dias de viagem que o barco traz—8 a 12 dias—como pelo estado do mar e ainda por um desarranjo na geleira do barco, etc. Mas nós afirmamos que ou é pelo deixo em que se encontram os barcos, sem acomodações, sem os requisitos necessários a que para tal fim são obrigados, ou pela propiedade e criminosa ganância. E abrimos aqui um parêntese para tornar público o seguinte: O ano passado safu uma portaria determinando que todos os barcos de pesca de arrasto, tivessem um aparelho de telefonia sem fios. E com manifesto prejuízo para as tripulações, assim não se fez, porque tudo quanto seja em benefício do trabalhador é supérfluo.

Como dissemos a venda é feita, após a verificação médica, por uma forma interessante. Um pregoeiro que fala rápido, aponta para um caixote de pescadas e voltando-se para o público comprador que numa massa compacta se acotovelava silenciosamente, diz:

—700\$000 6-95000 698\$000 etc.

Centas de cima para baixo, até que da multidão parta um grito estridente:

—Chui!

E o peixe fica arrematado. Muitas vezes é arrematado para um só comprador e por preços diferentes 8 e mais caixas, que depois são revendidas, mais uma ou duas vezes, até chegar às mãos do público... De forma que uma boa pescada, que quasi dá para duas casas de família, custa 30 a 40\$00, quando poderia ser vendida por 12 a 15\$00!

Falemos agora dos trabalhadores. Há pouco mais de seis meses, o pessoal da descarga foi impedido para uma greve de reivindicações morais e materiais.

Mas não só pela traição de um tal «Chico Algarvio», como por factores lamentáveis que antecederam, essa greve fracassou em parte.

E presentemente, esse indivíduo, arvorado em representante dos potenciais, persegue, protegido pela policia maritima, o trabalhador que após 12 ou 14 horas de trabalho extenuante, encarcerado, enregelado, chegando por vezes ao entorpecimento do corpo, tenha a infelicidade de pretender levar para comer um peixe no valor de dois patacos, esquecendo-se dos tempos em que inventou um colete com algebras, que, posto por baixo da blusa do trabalho, conseguia sem ser notado trazer de cada vez que saia o porão para ir fazer as suas necessidades fisiológicas, 14 a 15 gorazes, que no fim do trabalho, representavam por vezes a quantia de 200 a 250\$000... E aí de quem lhe caia na alçada. Ainda não há muito tempo que um trabalhador foi parar ao Limoeiro por levar um peixe no valor de 15\$00!

Queremos deixar aqui bem acentuado que não é por culpa dos trabalhadores, que há ganância de peixe, pois o Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra encontra-se apto a fornecer o pessoal necessário para efectuar a descarga de quantos barcos sejam necessários. Assim conviesse à Sociedade Commercial de Pescarias e Companhia Portuguesa de Pesca, os potenciais responsáveis da carestia do peixe.

Seriam necessárias colunas inteiras, para apontar factos que, só por si, bastariam para pôr um freio energico a essa falzeria. Mas por hoje cremos ter dito, não o que seria nosso desejo, mas uma pallida ideia da forma como procedem os exploradores do povo.

Não fechamos porém, sem acentuarmos a nossa opinião sobre a maneira como as descargas se poderiam efectuar rapidamente. Alegando os armadores a circunstancia de o cais acostar-se em diminuto espaço e não permitir grandes descargas, poderiam os poderes constituídos obrigar os srs. armadores a quando não houvesse espaço no Cais de Santos a virem desembarcar o peixe ao Cais do G3.

Assim não só viria beneficiar o público, como também deixaria de ir para o guano tanto peixe deteriorado. Não ser que haja conveniência, em lançar \$20 de imposto, sobre cada quilo de peixe pôde, pois que quem viria a pagar é o público consumidor.—A Associação de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra.

**Em Evora realizou-se uma importante sessão de protesto**

EVORA, 8.—Promovida pelo Sindicato da Construção Civil realizou-se, nesta cidade, uma sessão contra a crise de trabalho e carestia da vida que foi presidida por Bernardino José Fale e secretariada por Joaquim José Farcha e Manuel Henriques de Almeida.

Falou, em primeiro lugar, Bernardino José Alves que criticou acerbamente os maneios criminosos dos que estão causando a carestia da vida.

Segue-se-lhe Joaquim Alves Barrão que depois de expor as razões da actual subida de custo dos géneros alimentícios e do agravamento da crise de trabalho, afirma que o povo operário é culpado, em grande parte, da angustiosa situação económica em que se debate, por não ter sabido reagir com energia e por ter votado ao abandono os sindicatos que são os únicos instrumentos de defesa e emancipação.

Depois de Madeira ter falado na mesma ordem de ideias do orador antecedente, usa da palavra o velho militante rural Joaquim Candeira que afirma não haver necessidade de se consumir trigo estrangeiro, acentuando que esse facto se dá por culpa dos grandes proprietários rurais.

António Tomás, da U. S. O., apela para a união dos trabalhadores, considerando a o unico meio capaz de conjurar os perigos e as ameaças da hora presente. Ataca ainda, em termos vibrantes as especulações feitas e as violências cometidas nestes últimos tempos.

No final foi aprovada uma moção dando todo o apoio a qualquer movimento que a C. G. T. venha a organizar contra a carestia da vida.

**Lede o Suplemento de A BATALHA**

**TEATRO SALÃO FOZ**  
Matinéas 15 h.—Soirée às 8,45 h.  
Colossal éxito dos notáveis bailarinos  
**STICHINI e JACKO**  
Danças clássicas, slons e acrobaticas  
Ultimos espectáculos das distintas artistas  
**Pitusilla**  
Estrela do «couplet» cómico  
**Teresita de Avila**  
Formosa e elegante coupletista  
No écran: «Loucura duma noite» (8 partes)  
Concerto pela FOZ MELODY BAND  
PREÇOS ULTRA POPULARES  
Superior, 2800; Platão ou Balcão, 5400;  
Camarotes, 13400; Fregues, 20000;  
Covetes, 1400.

## O conflito entre os empregados da Carris e os vendedores de jornais

A direcção da Associação dos Vendedores de Jornais pede-nos a publicação do seguinte:

«A direcção da Associação de Classe dos Vendedores de Jornais, apreciando a nota do Sindicato dos Condutores e Guardas-freios dos eléctricos, e ouvindo os seus delegados à assembleia dos mesmos, não pode deixar a passar sem o seu protesto por nela se conterem falsidades, como de falsidades foi a assembleia daqueles, conforme passamos a relatar:

Alves Ferreira, dos eléctricos, afirmou que estava fideles admirado com a solidiedade dos Vendedores de Jornais, o que se não nota na sua classe mas que os vendedores tivessem paciência por eles terem acabado com a exploração que estes faziam com as crianças e das as queixas, que não deixa entrar os vendedores o que lhes pode fazer. É comprar o jornal e levá-lo ao passageiro.

Diamantino Duarte que proíbe terminante a entrada de vendedores no seu eléctrico, que não precisa nem dos vendedores nem dos jornais nem da opinião pública.

Santos Júnior que resolveu cumprir à risca as ordens da companhia não estando disposto a auxiliar uma classe de cadastrados e que o vendedor de jornais que teve o conflito com o condutor tem 6 prisiones (algum em apêrte disse 9 prisiones faz favor) e que por isso se não admirem os delegados dos vendedores serem escorraçados.

Francisco Lourenço, Manuel Augusto Ferreira, Francisco Sebastião dos Santos, Manuel de Almeida e Joaquim M. Carvalho desistem da palavra em consequência de estarem de acordo com os oradores antecedentes (nesta altura abandonam a sala muitos empregados).

António A. de Abreu que há um lavador que também vende jornais que tudo canta a estes, e que deviam pedir à companhia a expulsão do lavador, e que os vendedores nada têm que se dirigir ao pessoal, mas sim à companhia.

Alfredo M. Pereira, dos jornais, protesta contra a calúnia que ali foi levantada de que Amadeu Marques tinha 9 prisiones e que ele garante não ser verdade porque o vendedor nunca foi preso e que um caluniador não honra a classe a que pertence (a assembleia manifesta-se com foras e não apoia).

O orador continua que vem ali com a bandeira da paz e só pretende auxiliar as duas classes dum conflito em que nenhuma lucra; pois da boa harmonia só benefícios podem colher duas classes que estão em constante contacto.

Alves Ferreira diz que se não deve beneficiar uma classe maliciada, que os delegados fossem educar primeiro a sua classe, não sejam exploradores de crianças, e que depois talvez façam alguma concessão.

Manuel Dias de Matos, dos jornais, que é uma vergonha que duas classes de trabalhadores estejam envolvidos em conflitos que só vão beneficiar terceiros e apela para a solidariedade operária a fim de terminar com este mal entendido.

Alves Ferreira, em apêrte: Solidariedade isso é coisa que não existe nem nunca existirá! A assembleia ri-se parvamente. O que tem vindo nos jornais é comprovado por testemunhas. A assembleia: guerra, queremos guerra!

Alfredo M. Pereira diz que os delegados dos Vendedores de Jornais vão pessoalmente impressionados por verificarem que não há possibilidades de qualquer plataforma e que, por consequência, se retiraram em vista da teimosia da assembleia (o barulho é ensurdecedor e grita-se: guerra, continua a guerra). O presidente, agitando um papel, lê: «Proponho que se nomeie uma comissão para pedir ao sr. governador civil para que a policia proíba, terminantemente, a entrada de vendedores nos carros eléctricos». Foi aprovado. Assim é que está certo e demais o sabem os condutores que Alfredo M. Pereira fez completo relato da sessão, sendo demasiado conhecida a ponderação e correcção dos ditos delegados na família operária, tanto nos sindicatos onde têm sido delegados, como na Federação do Livro e do Jornal, como nos congressos operários, para os ilibarem das acusações dos condutores de eléctricos de serem ríspidos e incorrectos, e basta.

Os delegados dos Vendedores de Jornais à assembleia dos condutores e guardas-freios dos eléctricos desafiaram a calúnia. Santos Júnior, o traidor da sua classe quando da greve de 1912, o reaccionário encapado de republicano, o célebre regedor da freguesia de Bemfica, a provar o que disse e ainda espalhando na sua classe, a fim de espalhar pelo público, de que Amadeu Marques tinha 9 prisiones. Os mesmos delegados declaram por sua honra que o mesmo nunca foi preso, senão no conflito com o condutor agressor.

Caso Santos Júnior o não faça, publicaremos a sua biographia que é de veras interessante.—O delegado, Alfredo Marques Pereira.

## Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5318, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 30 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avariz de 333. Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade faz-se um abtimento de 50 por cento em pates de 50 folhetos.

Pedidos a administração de A BATALHA

## Caixa Económica Operária

A direcção desta cooperativa participa aos associados o falecimento do seu tesoureiro Manuel José Pinto, cujo funeral se realiza hoje, às 15,30 horas, da rua Senhora da Glória, 132, para o cemitério do Alto de São João.

# Carta de Coimbra

«Salvemos as raparigas»—Um pseudo enfermeiro que procede como um brutamontes

COIMBRA, 8.—Na nossa missão de correspondente deste jornal, deparamos, às vezes, com certas anomalias, que nos fariam passar, se não estivéssemos há muito convencidos de que a sociedade actual se vai decompondo pouco a pouco numa onda de lama.

São tantos os casos de degenerescência moral que constantemente temos antes nossos olhos, que occupamos uma boa parte das colunas deste jornal se porventura a todos nos quisessemos referir.

São tantos os refinados patifes mascarados de pessoas de bem que teríamos que vergastar com a nossa critica acerada mais justa, que preferimos irmo-nos referindo áquelles casos que não podem compadecer-se com um silêncio que poderia ser considerado como subserviente.

Ainda agora temos indo focando nas colunas de A Batalha aquele repulente caso da Figueira da Foz, e que uma jovem, filha dum honesto trabalhador, é vilipendiada por dois brutos da alta sociedade, sem que a sua voz terrivelmente acusadora seja ouvida pelas surdas entidades a quem compete providenciar nestes assuntos.

Agora, há dias, chamaram-nos a atenção para um outro caso ocorrido nesta cidade, que se não é revestido da gravidade daquelle, nem prisso deixa de merecer que o relate nestas colunas, para vergastar o ignóbil procedimento dum cavalheiro que deve ser dos tais patifórios com muita cotação no mercado...

Uma pobre pequena de 17 anos, servigal, é ultrajada no seu pudor por um homúculo qualquer que, valendo-se dum mister que exerce indevidamente, o de enfermeiro, pretende abusar da simplicidade dum rapariga, quasi criança ainda.

Alguém, assíduo leitor de A Batalha, tendo fortuitamente tomado conhecimento do caso, aconselhou a rapariga a dirigir-se-nos, para que amarrássemos nestas colunas o immoral herói da prosa que vamos relatar.

Fez bem a pequena em aceitar a nossa intervenção. A Batalha, órgão do povo que trabalha e que sofre, é o repositório de todos os protestos, de todos os lamentos feitos pela massa anónima oprimida, cabendo bem na índole do nosso jornal o protesto dum humilde servigal, pobre filha do povo, que a miséria dos pais obrigou a alugar bem cedo os seus braços para poder viver.

Vamos expor, sem mais contentários, o relato simples que nos foi feito numa voz repassada de indignação e tristeza.

Maria da Costa Cantante, de 17 anos, da Ereja, Verride, a servigal em questão, sentindo, há tempos, doente dum perna, sobrevindo-lhe um abcesso no gemio esquerdo,

NO TRIBUNAL MILITAR

Foi condenado o detentor do caixote de balas apreendido em Sacavém

Perante o 2.º Tribunal Militar, presidido pelo coronel Santos Guerra, juiz auditor Lopes Vieira, respondeu, ontem, o ferroviário António de Oliveira, por lhe haverem sido apreendidos na sua casa, em Sacavém, três caixotes de cartuchos com balas, e que lhe haviam sido pedidos para guardar, por um seu amigo, de nome Almeida Júnior.

O Oliveira foi condenado na pena de trinta dias de prisão correcional, tendo-lhe sido levado em conta a prisão soffrida. Foi seu defensor o major Alpedrinha.

## O caso do coronel João de Almeida

Estamos autorizados a desmentir a noticia publicada ontem por um jornal da manhã sobre a prisão do coronel sr. João de Almeida. O caso passou-se da seguinte forma:

O coronel João de Almeida apresentou-se por escrito ao juiz auditor do 2.º Tribunal Militar visto contra elle um auto de corpo de delicto, declarando-se doente em sua casa, na Costa do Castelo, 72.

Comunicou mais que já escolher para seu defensor, o major João Tamagnini Barbosa.

## Aos nossos correspondentes

A expansão dum jornal está sempre na razão directa da dedicação e do esforço despendido por todos os seus servidores.

Jornal operário, por e para trabalhadores feito, A Batalha carece de muitas e grandes dedicações que de toda a parte a informem do sentir dos oprimidos, cujos protestos, queixumes e aspirações ella tem a missão de interpretar, ao mesmo tempo que os oriente na maneira de conseguirem emancipar-se.

E porque o correspondente é sempre o elo que liga ao jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informes, no que prestarão um bom serviço à causa e evitarão que, muito a nosso pesar, os eliminemos do caderno-registo dos nossos informadores.

A todos aqueles que se nos têm oferecido para correspondentes nas localidades onde ainda os não temos, solicitamos que nos enviem urgentemente duas fotografias, uma para o cartão de identidade que lhes será distribuído, e a outra para o nosso registo.

## FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

## LA NOVELA SOCIAL

É o título do n.º 10 da interessante colecção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$60. Pelo correio \$70.

# Rendimentos dos operários

Colhido por um vagão

Deu entrada na sala de observações, do banco do hospital de São José, para onde foi transportado num auto da Cruz Vermelha, Manuel Dias, de 34 anos, operário da Fábrica Cerâmica «Aurora», em Telheiras, onde reside, e que, na mesma fábrica, foi colhido por um vagão, ficando ferido no pé esquerdo.

Na sala de observações, do hospital de São José, deu entrada Joaquim Martins Paulino, de 20 anos, natural do Fundão, carregador da C. P., estação de Braço de Prata, e que, na estação de Campolide, foi colhido por um vagão, ficando ferido no pé esquerdo.

## INSTRUÇÃO

Universidade Nacional de Instrução e Educação

Uma comissão escolar da 3.ª Secção desta Universidade, reúne hoje, pelas 14 horas, na rua de Marvila, 57, 1.º, a fim de resolver a melhor forma da abertura dos cursos nocturnos de primeiras letras e instrução primária, para os empregados no comércio, operários e seus filhos, residentes nesta área e proximidades.

Nesta instituição de instrução está aberta a inscrição para os alunos pobres que frequentam as escolas primárias, onde lhes são fornecidos além de uma refeição salutar, calçado, vestuário, livros, etc.

Hoje, domingo, às 14 horas, é distribuído aos alunos um jantar.

A sala do refeitório e suas dependências estão patentes agradecendo a direcção a quem as visite.

## Conferência Internacional de Hidrografia

Segue brevemente para Monaco, onde vai representar o ministério da marinha, na Conferência Internacional de Hidrografia que ali se realiza muito em breve, o capitão-tenente sr. Fernandes Lopes, chefe da missã hidrográfica.

## Festas regionais

Realizam-se hoje e amanhã no pittoresco lugar de A da Beja, freguesia de Belas, as festas anuais promovidas por uma comissão de moradores, em honra da Escola Oficial da localidade. Atrilham as festas a Sociedade Filarmónica de Canecas e a Banda da Escola Agrícola da Paia, cedida pelo seu director, sr. dr. Joaquim Pratas.

Haverá carreiras de «camionettes» da estação de Queluz-Belas para o local da festa.

## Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO E TERRAS DE FOGO

Juliano Quintinha  
2.ª Edição—Escudos 8\$00  
A venda em todas as livrarias.—Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

## Congresso de Instrução e Educação Moral

Encontra-se em Roma o sr. dr. João António de Matos Romão, lente da Universidade de Lisboa, que lhe representará este instituto no Congresso de Instrução e Educação Moral.

# TIVOLI

Telephone 11.5474  
MATINÉE ÀS 3 HORAS  
SOIRÉE ÀS 9 HORAS  
ÚLTIMA EXIBIÇÃO

**Rómula**  
Superfilm em 9 jornadas (completo)  
(Reconstituição da Floresta dos Medicis)  
Fotografias autênticas da Pisa e de Florença  
Lillian GISH na protagonista  
Dorothy Ditch, Fessia, William Deniel (Tito), Herbert Grimmond (seu pai)

**As maravilhas do telegrafo submarino**  
Curioso film educativo em 2 partes

**Uma ciné-farça**  
Bonecos desenhados  
Um documentário português

AMANHÃ:  
**MATEI!!!**  
com  
Sessie Hayakawa e Huguette Duflos

## NO PORTO DE LISBOA

Os funcionários são coartados nos seus direitos

Já quem, muito acertadamente, disse na Batalha, que o funcionalismo do Porto de Lisboa, podendo ser uma das classes mais bem pagas, morre de fome devido à sua grande cobardia.

Esta, dentro dos funcionários do P. L. medra a «valentona» desde o 19 de Outubro data em que Afonso Macedo, de horteliceiro, passou a Inspector dos serviços do P. L. serviços que elle ainda hoje desconhece. Porém, para se manter no seu pedestal, tem feito tudo quanto a sua real gana lhe tem dado. Pôs na rua trabalhadores com 10 e mais anos de trabalho honrado para encaixar correligionários seus com 48 prisiones que são as que conta o «Alberio Multato» guarda da noite no Entrepôsto de Santos. De parceria com outra figura, que dá pelo nome de Jacinto Simões, agarraram os diplomados e requerimentos à Direcção Geral dos Impostos, que custaram dinheiro aos funcionários.

Tem ao seu serviço, mas pagos pelo P. L., uma cáfila de buios a que deu o pomposo nome de «Homens Livres» que tem emburalhado o pessoal numa rede de intrigas que muito tarde dela sairá.

Nesta classe há duas associações que mais parecem dois centros politiquieiros daquelles muito reles quais tanques de lavadeiras que para vergonha da classe, quando os burros se sindicarem, tenho a certeza que não de meter inveja aos funcionários do Porto de Lisboa.

E uma das classes que maior contingente de tuberculosos tem dado, pois tem três «sumidades» que, só quando os doentes tã o céu da boca a arrefecer, é que os mandam para casa. Mortos estes, as viúvas e filhos, se quiserem comer têm que ir para a porta dalgum regimento pedir uma latinha de rancho ou «Salvemos as raparigas»... porque a escassa pensão de 36\$00 mensais que os «talassas» nos davam, os republicanos de barriga roubaram-na. E esta classe aguenta tudo com cara alegre.

Poderia hoje citar vários escândalos passados por esses entrepostos com certas categorias ricasas que obrigam os outros a ser cobardes e na esquadra que, para vergonha das mangas de alpaca, puzeram no escritório Central, onde não há nada que roubar, enquanto nos entrepostos os roubos são diários. Na garage o chauffeur por ter sido chauffeur de Afonso Costa, faz o que quer, as caldeiradas são todos os dias. Ainda não há muitos dias que fizeram uma caldeirada dentro da garage e beberam tanto ou tão pouco que um cabo de policia apunhou tamanha «logsunha» que, quando entrou na esquadra já caído e, como um fulano que lá estava preso se tivesse rido, foi o suficiente para ser premiado com duas fortes bofetadas. Poderia também perguntar ao sr. chefe da esquadra e ao 3.º oficial, Carlos Lopes d'Oliveira, afilhado do Macedo, onde é que teria sido a passeada dada no automóvel do administrador naquela noite em que elles acompanhados de duas «madams» davam entrada na garage pelas 11 horas com os farióis apagados? Hoje, se nos derem licença, apenas citaremos um caso vergonhoso para a classe.

Há dois anos conseguiram os funcionários 5 % da receita para ser dividido entre si. A custa de muitos trabalhos e canceiras, foi-nos feita a distribuição daquelle esmola mas, somente referente a 11 meses.

Nesta altura era dono do Porto de Lisboa o sr. Rodrigues Gaspar, mais conhecido na classe pelo «Sagum», que, em face do decreto não teve relutância alguma em mandar como militarão que é, tocar a tableteiros a cozinha... Veio a revolução e foram demittidos quasi todos os membros do conselho à excepção de Afonso Macedo. E sabem porque este não foi demittido? Porque é intimo do sr. Melo Rego e este é cunhado dum alta individualidade.

Com a revolução veio o sr. Paiva Curado — que talvez já adeoga — e em vez de pôr ao fresco o sr. Macedo para, como lhe competia, mandar fazer uma sindicância ao extinto Conselho de Administração, do qual elle também fazia parte... com a sua presença... deixou-se envenenar por elle a ponto de querer — como sempre — andar bem com Deus e com o Diabo, para o pôr em cheque com o restante pessoal a ponto de ainda não nos terem pago a percentagem que nos falta dum mês e, sem esperança de recebermos.

Para se avaliar da cobardia desta classe o exposto já chega e junto a parte que acaba de fazer o sr. João Pereira Vasconcelos, «o Socialista da Junqueira» que, com medo de na quarta feira última ir ter com o comandante Paiva Curado para este ordenar o processo das folhas, adeocou... e a restante cobardia cá está à espera que nos façam a esmola de nos pagar o que nos devem.

## Supremo Tribunal de Justiça

Foi assinado o decreto nomeando o juiz do Supremo Tribunal de Justiça, sr. dr. José Alfredo Rodrigues, para substituto do presidente do Conselho Superior Judiciário das Colónias e vogais substitutos do mesmo conselho, os juizes da Relação os srs. drs. Manuel José Mendes Arnaud e Domingos José Vieira Ribeiro.

# Os metalúrgicos do Barreiro e a falta da sua organização sindicalista

Um dos problemas que tem preocupado sempre e que momentaneamente preocupa neste momento a Federação Metalúrgica em Portugal, é o problema da organização. Uma das localidades bastante fabril na qual os metalúrgicos da industria particular não se organizaram ainda, é o Barreiro.

Porquê? E' o que vem estudando o organismo central metalúrgico.

Como todos sabem, existem no Barreiro as oficinas gerais dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. Pois bem: ferroviários pouco escrupulosos e pouco conscientes, traem miseravelmente o horário de trabalho e os seus camaradas da industria particular, indo para ela trabalhar depois das oito horas regulamentares. Não se lembram estas metalúrgicas que vão com esta acção nefasta prejudicar na sua mais cara regalia aqueles que, para sustentar a sua prole, doutro meio não podem socorrer-se que não seja o seu minguido salario.

Não fica, porém, por aqui a acção desmoralizadora de alguns ferroviários-metalúrgicos do Barreiro. Temos os reformados. Esses, que auferem de reforma mensal 600\$00 a 800\$00, vão oferecer-se continuamente à industria particular por salarios que variam entre 10\$00 e 14\$00 por dia de trabalho. Por virtude, pois, desta desleal concorrência por parte daqueles que tendo um salario assegurado, ainda vão contribuir para uma baixa de salarios, ocorre-nos perguntar qual seria a sua acção se se vissem privados da reforma? Decerto que se revoltavam e com justificada razão. Porque não olham então para a miséria que de há tempos lava na familia metalúrgica que vive exclusivamente do minguido salario por cada dia de labor efectivo? E' bom, camaradas metalúrgicos reformados do Barreiro, que compreendais, que pelo acto que estais cometendo, podem pedir-vos responsabilidades a familia das vitimas.

Nós compreendemos que em período de abundância de trabalho, vós podies, se assim o entendesdes e pudesdes, empregar ainda a vossa actividade; mas, nunca por um salario infimo, mas sim igual ao auferido pelos da industria particular. Todavia neste momento há que atender a todos os efeitos da «chômage».

A Federação Metalúrgica já apellou para o «Sindicato» Pessoal do Sul e Sueste, e está convencida de que elle algo terá no sentido de obstar as anomalias apontadas. No entanto vai a F. M. também apelar para a boa vontade e coragem dos metalúrgicos que se vêm preteridos em face da oferta imoral dos reformados, a fim de que constituam o seu Sindicato, pois só elle poderá de facto coordenar esforços de molde a extinguir estas e outras anomalias que se observam cotidianamente, bem como contribuir para a elevação moral, económica e mental dos operários. Entretanto este organismo continuará a esforçar-se por obter mais informes tanto quanto possível concretos sobre o assunto e voltará a liça se tanto for necessário.

Camaradas metalúrgicos da industria particular do Barreiro, avante, pois, pelo Sindicato.—A comissão administrativa da Federação Metalúrgica em Portugal.

## O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rucker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha

## A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkinoi. Preço 1\$50.

## Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.  
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.  
No Sertão d'Africa, contos tradicionais indígenas, por Manuel Kopke, 6\$00.  
A vendes nas livrarias e na administração de A Batalha.

Deposito: «Livraria Renascença», rua dos Poais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

## OS QUE MORREM

Manuel José Pinto

Faleceu ontem na sua residência Manuel José Pinto, antigo tesoureiro da Cooperativa do Pessoal dos Estabelecimentos Fabris do Ministério da Guerra e ultimamente tesoureiro da Caixa Económica Operária, guarda-livros e empregado da Fábrica de Armas.









## O SINDICALISMO EM MARCHA

### Ficou definitivamente reorganizado o Sindicato da Construção Civil de Coimbra

COIMBRA, 7.—Conforme havíamos noticiado, uma comissão de operários da Construção Civil tomou sobre seus ombros a empresa de conseguir a reorganização do Sindicato da sua indústria, para o que preparou duas sessões de propaganda, as quais tiveram lugar nos dias 3 e 4 do corrente, com a assistência dos camaradas Luis Gonzaga e Alberto Dias, delegados da Federação da Construção Civil.

A primeira destas sessões, realizou-se no lugar de Fala, freguesia de São Martinho do Bispo, local onde reside uma grande parte dos componentes da indústria. Esta sessão decorreu animadíssima e com bastante concorrência, tendo usado da palavra os dois delegados da Federação.

A segunda sessão, que teve lugar nesta cidade na Associação dos Empregados de Hotéis, Restaurantes e Cafés, na rua Borges Carneiro, foi a mais importante, já pelo maior número de operários que a ela acorreu como também por ser desta reunião de onde devia sair, em definitivo, a reorganização do Sindicato.

Esta sessão começou pelas 12 horas, tendo presidido Joaquim Roque, secretário por Casimiro Henriques e Joaquim Dias.

O presidente pronuncia algumas palavras sobre os objectivos da sessão que se estava realizando, dando em seguida a palavra a um dos delegados da Federação, Luis Gonzaga, que começa por examinar as causas que levaram o Sindicato da Construção Civil a desorganizar-se, afirmando que a principal causa, porém, foi a indiferença do operariado, pois que se a frente do Sindicato havia elementos que não satisfizessem, pela sua orientação, os operários não mais tinham a fazer do que substituir esses elementos por outros da sua confiança, e nunca abandonar os destinos do Sindicato em mãos que não lhe mereciam confiança.

Demonstra que não nos devemos preocupar apenas com assuntos de, imediata realização, devendo o operário capacitar-se de que a necessidade que tem em ingressar nos organismos sindicais não visa apenas a satisfação dos interesses materiais. O sindicalismo tem uma missão mais alta, mais idealista, pois que pretende preparar os trabalhadores na cimentação duma sociedade melhor, mais bem organizada, onde o homem seja livre de todas as opressões e de todas as grelhas.

Lamenta o indifferente dos operários da construção civil pelo seu sindicato, organismo que ele conheceu cheio de vitalidade quando há sete anos, em 1919, assistiu nesta cidade aos congressos da Construção Civil e Nacional Operário, quando seria de esperar que após este espaço de tempo o sindicato da construção civil se apresentasse mais forte e mais aperfeiçoado.

Depois de se espraíar em considerações várias, termina por lançar um apelo ao operariado presente, no sentido de este enviar todos os seus esforços para insular ao sindicato a viabilidade de que ele necessita, e diz que vai esperar de que o Sindicato Unico da Construção Civil de Coimbra retomará a posição brilhante que mantinha há anos dentro da organização sindicalista revolucionária.

Faz uso da palavra, em seguida, o outro delegado da Federação, Alberto Dias, que critica acerbamente o indifferente do operariado da construção civil pela sua organização atitudinal que reputa criminoso e demonstrativa duma inconsciência inconcebível após tantos anos de porfiadas lutas em prol do bem estar dos trabalhadores.

E' necessário que o operariado observe a actividade que as associações industriais e comerciais desenvolvem no sentido de ferirem de morte as organizações proletárias.

Manifesta a sua estranha pela decadência que observa em toda a organização coimbrã, decadência que chegou ao ponto de deixarem perder a Casa dos Trabalhadores onde estavam instalados todos os sindicatos, para se chegar à vergonhosa situação de se andar agora a reunir em casas emprestadas.

E' necessário que termine esta situação anómala.

Refere-se à crise de trabalho que asseberba diversas classes, em especial a da construção civil. Lê algumas reclamações que a Federação tem apresentado aos governantes tendentes a atenuar a crise.

Refere-se também ao momentoso assunto da carestia da vida; que examina nos seus vários e múltiplos aspectos.

Foi depois aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º O operariado da construção civil de Coimbra, reunido em sessão magna, resolve:

1.º Reorganizar o seu sindicato, para o qual desde já nomeia uma comissão administrativa.

2.º Dar plenos poderes a essa comissão para que possa reaver imediatamente os utensílios do sindicato, e no mais curto espaço de tempo regularizar a cobrança, montar a escrita e tratar de todos os assuntos que digam respeito à sua missão.

3.º Dar a adesão do sindicato à Federação da Construção Civil e Confederação Geral do Trabalho, pois se encontra inteiramente identificado com os objectivos destes dois organismos centrais.

4.º Autorizar a comissão administrativa a proceder à instalação do sindicato em sede social própria, devendo a mesma comissão manter todos os actos de solidariedade com toda a organização operária do país.

Posta à discussão foi a moção aprovada por unanimidade.

Em seguida procedeu-se à nomeação da comissão administrativa, que ficou constituída pelos seguintes camaradas: Joaquim Roque, secretário geral; António de Oliveira Junior, secretário adjunto; Joaquim Dias, tesoureiro; António Jorge e Joaquim Castela, vogais; Casimiro Henriques e António Lopes, substitutos.

### Congresso dos Operários do Ramo de Alimentação

Reúne-se amanhã, às 17 horas, para assunto urgente, na Calçada Castelo Branco Saraiwa, 42, 1.º, a comissão organizadora do Congresso dos Operários do Ramo de Alimentação.

## LUTA DE CLASSES

### Os "Soisas" da Litografia Nacional pretenderam atemorizar o seu pessoal

PORTO, 8.—Os srs. "Soisas" da célebre Litografia Nacional pensaram em pregar um terrível susto aos seus operários em greve—pessoal, aliás, que se conserva indefectivelmente no seu posto de combate.

Redigiram um lacónico anúncio de breves linhas e enviaram-no, mediante bom pagamento, para os jornais de grande circulação, que o publicaram na primeira página. No tal anúncio, em caracteres regularmente visíveis, os "Soisas" declaram ter aberta nova inscrição de pessoal, pelo que convidavam os litógrafos a entrar, pressurosos, para a sua oficina de exploração descabelada... Quem não tiver cabeça bem equilibrada, não paga coisa alguma pelo azoragado ambicioso dos srs. "Soisas"...! E' entrar! E' entrar!

A pesar do estratagem a já ser mui sedicadamente conhecido, os ricos proprietários da Litografia Nacional julgavam que o "true" anunciatório iria levar ao campo grevista o "troublement" do desespero, iniciando-se, desde logo, a escuridão deserta do salve-se quem puder!

Afinal, as linhas da nova inscrição só tiveram como efeito salutar despertar nos grevistas uns alegres momentos de "blague" justamente adequada. Não é com esses papões de "quixotescos" despedimentos e de "sanchopancescos" avisos de novas admissões de escravos, que eles, os grevistas, vão ao beija-mão patriarcal dos nababicos "Soisas"... pronunciadamente arrelhos pela resistência que os explorados lhes oferecem...

No entanto, manda a verdade dizer que os srs. "Soisas" não estão de todo descontentes: é que, a acionarem-lhes o importante movimento da sua lucrativa litografia, têm lá uns "trólabas"—nome por que são conhecidos aqueles cuja competência só presta para inutilizar tempo e trabalho.

Os srs. "Soisas" bem vêm o seu rico dinheirinho a arder, os trabalhos a estragarem-se... Mas, por uma questão de maquiavelismo "truquiano", e também de perreice industrial, eles continuam a amontar o desastre—e os grevistas unidos no seu reduto sindical e amparados pela solidariedade de toda a classe, porque sua, seria a derrota do pessoal da Litografia dos srs. "Soisas"...

Estes, no intuito de malquistarem o estado moral dos operários litógrafos em luta, alardeiam alguns actos "benemerentes"—à custa, afinal, da própria exploração exercida contra os operários—prestados a um ou a outro assalariado. Não dizem, porém, que o maior "filantropismo" empregado tem sido em justissimo auxílio a um artista gravador que em sua casa tem deixado a pele há uns 30 anos—o italiano Emilio Boggio—e que lhes enriqueceu bastante a Litografia com importantíssimos trabalhos de efectiva utilidade... Não dizem que se com ele têm dispendido uma prolongada e regular "caridade", isso há sido devido à esperança de que se restabelecesse, porque dele precisam para "continuar a enriquecer com a sua competência artística"...

Neste alardeamento também se tem empenhado o antigo desenhador e militante litográfico Artur Guimarães, hoje industrial, aliado dos "Soisas", e por igual escravizador da sua antiga classe...

Mas os "Soisas" e o seu "factotum" Guimarães pensam que o facto de se dar qualquer esmola, subsídio, a este ou aquele, na doença... ou na morte, isso é o bastante para que os exploradores sejam perpetuamente com o direito de fazer o que lhes apetece—pagar mal, diminuir os salários, trair, quequer que as outras casas diminuam as regalias aos seus operários, enquanto eles, pelo "truque" das absorções premeditadas de todas as oficinas litográficas, não podem mais directamente fazê-lo?

Os srs. "Soisas", o sr. Guimarães, são uns pândegos. Mas como a classe litográfica os conhece—continua vigilante na luta, para não morrer...—C.

### Declararam-se em greve contra a baixa de salários os operários da fábrica Nascimento

PORTO, 8.—Como já tínhamos previsto, a greve tornou-se inevitável na casa Venâncio Nascimento. Todos os meios suasórios empregados junto daquele industrial não tiveram o condão de o fazer comover, a despeito de toda a justiça que assiste aos operários reclamantes.

Nós já dissemos que Venâncio Nascimento estava apostado em pôr em prática um plano de rebaixa de salário urdido num conciliabulo de industriais da especialidade do mobiliário. Nascimento seria o homem demoníaco que se atiraria para a cabeça do turco.

Os outros colegas da exploração colocaram-se na expectativa à espera dos resultados da luta.

Os factos confirmam presentemente tudo quanto se esperava.

Venâncio Nascimento, com aquela raposidade que lhe é um tanto peculiar, principiava por reduzir a três dias o trabalho na sua casa. Tinha de ser, porque atraz desta manobra a dificultar a situação financeira dos operários, lá estava congeminado o segundo assalto. Os industriais escandalosamente enriquecidos já mais podem fazer o mais insignificante sacrificio na sua abarrotada bolsa. Os operários, sim, habituados a viverem sempre com as "calças na mão", é que devem eternamente sofrer as agruras de todas as misérias...

De harmonia com estes pensamentos de brutais espoliações, Venâncio Nascimento, não se contentando com a meia razão de labor dada calculadamente aos seus escravos, ainda teve o cinismo, a petulância irritante de lhes pretender baixar os salários! Primeiro, passou-os aos três dias, para lhes causar desânimo, apreensões, possivelmente concorrências. Depois, propôs-lhes, descaçadamente, uma diminuição de jorna, na crença de que eles, desorientados, acatariam humildemente o escamoteio, talvez ainda para, já que assim as coisas tão más se punham, lhe pedirem a que, pelo menos, lhes desse mais algum dia... Já que desvalorizava os salários, que ampliasse os dias da semana de trabalho...

Mas Venâncio, que assim tão provocadoramente se colocou, viu frustrados os seus desejos. O seu pessoal, que não é tão des-

## TODOS AO PORTO BRANDÃO!

O Comité Central da Secção Portuguesa do Socorro Vermelho Internacional convida o proletariado a visitar, HOJE, domingo, 10 de Outubro, a Colónia Balnear dos filhos dos presos e deportados que mantêm presentemente no Porto Brandão.

Nenhum trabalhador deve deixar de visitar estas pequeninas vítimas da luta de classes!

Pela Cooperativa dos Catraeiros serão organizadas carreiras especiais de gazolinas, de meia em meia hora, de Belém para o Porto Brandão.

A fim de filmar vários aspectos da Colónia Infantil, seguirá para o Porto Brandão, pelas 11 horas, um operador cinematográfico

## EM MONSANTO

### Contra os presos sociais foi tomada uma medida

Há dias os guardas da Cadeia Civil de Monsanto descobriram no sector C, um buraco em direcção à terra, preparado talvez por alguns dos presos sociais, que pretendiam uma evasão por aquele sitio. Parece que ninguém está preso por gôsto, e o tormento dos presos sociais há bastante tempo é de molde a gerar os maiores anseios de liberdade. E o procurar a liberdade não é coisa que mereça a repulsa das pessoas de bem.

O director do Forte de Monsanto, há dias fez invadir o mesmo pela guarda, de baioneta calada, e mandou meter todos os presos do sector C, numa prisão que há muitos anos está condenada. Esta prisão é um subterrâneo a grande profundidade, por cujas paredes escorre a água que se empoga em diversos sitios e mantém todo o pavimento encharcado. O ar não entra ali porque naquella profundidade não há qualquer saída que permita a corrente do mesmo. A cisterna, assim se chama a prisão de que estamos falando, é em abóbada, completamente fechada por todos os lados, sendo a porta por onde entram os presos, absolutamente vedada, toda coberta duma grossa chapa de ferro. Depois desta porta fechada a cisterna é um verdadeiro túmulo. Para se imaginar do rigor deste sinistro sepulchro basta dizer-se que ali nenhuma luz resiste acesa, nem sequer um fósforo, que se apaga logo que se fere a massa.

Pois neste terrível subterrâneo se encontram os 40 presos que estavam no sector C, já anteontem a maioria deles se encontravam prostrados, devido ao grande número que pela respiração envenena o ar e já devido à própria frialdade da cisterna.

A desumanidade chega ao ponto de se tirarem homens destes da cisterna, em braços, quasi inanimados e a metê-los no "segredo" em vez de os fazerem conduzir à enfermaria, o que anteontem sucedeu com alguns destes presos.

Isto não é só anti-humano como é impróprio de gente que se diz civilizada. Creemos que o próprio fuzilamento é mais humano que tudo isto!

## Casas

Alugam-se desde 220\$00. Ver e tratar: Calçada da Tapada, 138.

### Secção Telegráfica Federações

DO LIVRO, DO JORNAL E SIMILARES

Organismos do Porto e provincia—Pelo correio enviamos o Gráfico.

METALURGICA

Sindicato Metalúrgico de Vieira de Leiria—Segue officio pondo as coisas no seu lugar.

### Contra os touros de morte

O Conselho Directivo da Liga de Defesa dos Animais, representado pelos srs. engenheiro Alberto Poljer e A. R. Silva Júnior, entrevistou o chefe de gabinete do ministro do Interior a quem entregou uma representação da Liga contra uma projectada tourada com touros de morte que se pretende realizar hoje, 10, em Reguengos.

Os representantes da Liga mostraram a necessidade dum diploma que, de uma vez para sempre, termine com as sucessivas tentativas de inaugurar esses espectáculos de crueldade que são incompatíveis com a cultura moderna e com a índole do nosso povo, resultando apenas da insistência duma minoria inconsciente incapaz de avaliar as consequências, próximas e remotas, que tais espectáculos iriam inaugurar se, na realidade, fossem permitidos em Portugal.

Desta conferência trouxeram os comissionados a convicção de que a resolução tomada há pouco, em Conselho de Ministros, se manterá inalterável, observando-se o critério de que tais espectáculos nunca serão permitidos.

A seguir, foram os representantes agradecer ao presidente do Ministério o ter atendido a representação da Liga contra idéntico espectáculo que estava para se realizar em Evora.

miolado como ele julga, que vê mais longe do que ele supõe, resolveu proclamar a greve, tendo ruidoso no seu Sindicato conjuntamente com a restante classe.

Nas reuniões dos grevistas, cuja luta passou para a direcção de um Comité, tem-se verificado veementemente o baixo e insultante procedimento do industrial Venâncio, que é, no fim de contas, o procedimento reflexivo do que todos os industriais pretendem usar.

Venâncio apenas iniciou a infâmia, que se alastrará se a industria operária do mobiliário não tiver a energia para repellar os traficantes.

A pesar dos encarregados, especialmente de mercenaria, se ficarem numa atitude de covardia sabujante, os operários em greve manifestam uma altiva disposição para a luta—desprezando os vendidos.—C.

## O I Congresso do Ramo de Alimentação

### Reunião da Comissão Organi- zadora

Reuniu esta comissão para apreciar trabalhos da organização do congresso.

Foram apreciados officios e circulares e teses de diversos sindicatos aderentes ao congresso da Federação.

Resolveu-se officiar aos Confeiteiros e Pasteleiros do Porto, que devem consultar os estatutos da Federação, visio eles correspondem à orientação que se pretende imprimir ao dito congresso, officiar aos Manipuladores da Póvoa de Varzim, que pelo seu estado financeiro não se podem representar directamente, que podem nomear delegado indirecto acreditando um operário da industria de panificação, e escrever ao Sindicato do Pessoal dos Matadouros de Lisboa lembrando-lhe a conveniência do seu delegado assistir às reuniões desta comissão, bastando estar atento às convocações da mesma.

Apreciou a adesão do Sindicato dos Manipuladores de Pão de Evora que nomeia delegado o camarada Manuel Domingos, e envia nota da sua população associativa. Apreciou o officio dos Manipuladores de Pão de Coimbra que envia nota da população associativa e respectiva cota de adesão, e nomeia seu delegado Mário Martins Moreira. Apreciou também um officio dos Manipuladores de Pão de Santarém que nomeia seu delegado Alvaro de Sousa Simões, e envia a sua cota de adesão e população associativa.

Apreciaram-se as teses dos sindicatos dos Culinários de Lisboa e Manipuladores de Pão de Santarém que vão ser publicadas.

Esta comissão atendendo que o congresso está próximo, pede aos sindicatos que respondam com urgência à última circular enviada, e que os delegados ao congresso devam estar em Lisboa no dia 16 do corrente, dirigindo-se à Calçada Castelo Branco Saraiwa, 42, 1.º, de onde seguirão para o local do congresso.

E' urgente o envio dos trabalhos respeitantes ao mesmo, para serem apreciados e para dar assim uma melhor orientação aos delegados a essa magna reunião.

### Manipuladores de Pão de Evora

EVORA, 8.—Ficou definitivamente reorganizado, na segunda sessão efectuada na sede da U. S. desta cidade, o Sindicato dos Manipuladores de Pão que ficou instalado na sede daquele organismo, praça Joaquin António Aguiar, 14, 1.º.

O Sindicato resolveu aderir ao Congresso do Ramo da Alimentação.

## História Universal do Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em lingua espanhola que se encontra a venda na nossa administração, é o primeiro tomo duma obra de grande importância, das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados alisnas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fasciculo de 48 páginas, 1000 pelo correio, registado, 1650.

Estão publicados os seguintes fasciculos:

1.º.—«La era de la esclavitud»;

2.º.—«La rebelión de Esparta»;

3.º.—«Abolición de la esclavitud»;

4.º.—«Abeycción y Servidumbre»;

5.º.—«La revolución de los siervos»;

6.º.—«La miseria de los agricultores»;

7.º.—«Transformación del Poder Feudal»;

8.º.—«El comunismo cristiano»;

9.º.—«Los miserables en la Edad Média»;

10.º.—«La libertad ilusoria»;

11.º.—«La agonía del absolutismo»;

12.º.—«El trabajo motor universal»;

13.º.—«El imperio de la guilhotina»;

14.º.—«Las ideas sociales y la revolución francesa»;

15.º.—«Los primeros tiempos del salariado»;

16.º.—«Hospitales, cárceles y asilos»;

17.º.—«Las crueldades de la burguesia republicana»;

18.º.—«Los héroes de la Comuna»;

19.º.—«Horribles matanzas de Comunistas»;

20.º.—«La República Española y la classe obrera»;

21.º.—«La Primeira Internacional»;

22.º.—«El socialismo ante el Parlamento español»;

23.º.—«El futuro obrerista profetizado por Castelar»;

24.º.—«Pi y Murgall confunde a los enemigos del socialismo»;

25.º.—«Los precursores del Proletariado moderno».

### Saúdando uma educadora

Acaba de reorganizar-se, como noutro lugar referimos, o Sindicato da Construção Civil de Coimbra. Na reunião magna em que essa resolução se tomou, aprovou-se por unanimidade um protesto contra a maneira insultuosa como a imprensa clerical atacou D. Vitoria Pais só por esta ter defendido a neutralidade do ensino em face das confissões religiosas.

## CARTA DO PORTO

### Foi iniquamente proibida uma conferencia sobre Francisco Ferrer

A sciencia official, principalmente aquella que se destina à arte de governar, tem as suas interpretações próprias, envolveradas numa filosofia curiosamente extrahida dos velhos alfarabios das sabedorias de antanho. Assim, não é para extranhar que na stngeleza do nosso plebeismo, impenitentemente intransigível, se veja uma coisa mui diferente que os preceitos arcaicamente officiosos registam nas explicações das altas esferas mandatárias.

São raciocínios abalizados que nós temos por obrigação imperiosa acatar, já que tão leigo somos em matéria doutrinária das apreciações enciclopédicas do culto autoritário: a mesquinhez da nossa intelligencia—para que negá-lo?—travancas-nos todas as faculdades de poderemos discernir acerca de um simples vocabulo... Explicámo-nos com toda a rudeza da nossa frase.

A Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais de Portugal pretendia effectuar, na próxima quarta-feira, uma conferencia comemorativa do 17.º anniversario do fuzilamento de Francisco Ferrer y Guardia. Conferencia instructiva, ideologica, livre e historica, que nos seus ensinamentos não traria ainda o hic et nunc da Revolução Social e que, certamente, a monarquia de outora, se tivéssemos a desdita de a suportarmos ainda, não prohibiria.

Pedido o indispensavel permisso, para que o gume da irreverencia não lanhasse, nem sequer ao de leve, as susceptibilidades dos poderes constituídos, foi dito, por quem de direito, aos impetrantes comissionados que é melhor verdadeiro Ferrer ter sido fuzilado. O que é fôr—é exacto... Nós consideramos o chefe de que se trata, uma criatura culta. Por isso é muito natural que nós, humildes sofredores das galés capitalistas, a quem nos vedam semcerimoniosamente os melhores livros das bibliotecas municipaes, estejamos transviados do caminho da verdade por um funesto erro historico...

Não estamos muito fortes no manuseamento do lexicon e, portanto, somos bastante raquíticos no conhecimento dos significados dos termos. Muito cautelosamente, pois, estudamos a opinio de um dos nossos melhores lexicografos, para nos inteirmos até que ponto vai a nossa insciencia.

Se fuzilar pode significar: «despedir, arremessar à maneira de relâmpagos ou raios», também pode dizer: «matar com tiros de armas de fogo; espingardar, arcaibuzar». Sendo Francisco Ferrer y Guardia desumanamente abatido, no sombrio, no sinistro castello de Montjuich, por uma descarga de infantaria—positivamente que se pode dizer, com toda a propriedade, que o mártir da Escola Moderna foi—fuzilado...

A não ser que o zotismo do nosso lexicógrafo tivesse nos olhos da sua intelligencia colocado tamanha tranca de eroneidade, que não pudesse ter visto o verdadeiro valor do verbo fuzilar...

Por outro lado, se executar indica: «levar a effecto, realizar, cumprir, penhorar»—igualmente traduz: «supliciar, justicar». Supliciar é castigar com suplicio ou pena afflitiva; punir com pena de morte». Portanto, um supliciado, tanto pode sofrer torturas nos anjinhos duma judicatura, como nos lóregos in-paces da Santa Inquisição—tanto pode ser um electrocutado ou enforcado, como um fuzilado ou um assado vivo nas faiscantes labaredas dos revoltantes, monstruosos autos-de-fé... Até nas fogueiras inquisitorias se encontra o fuzilar de creptações repugnantes, de faiscas escalantes a selvaticamente carbonizarem corpos humanos...

Justicar, é igualmente «castigar com pena corporal, principalmente pena de morte».

Haveria ao menos justiça na applicação da execução... do fuzilamento... do supliciado de Montjuich? A luz deslumbante da historia verdadeira dos factos, ninguém o pode comprovar insosfismavelmente. Que Ferrer foi condemnado a morte pelos poderes constituídos espanhóis, que mandaram executar a sentença adrede preparada do fuzilamento «montjuichiano», isso é verdade. Nesta parte, estamos perfeitamente de accordo com o nosso discordante...

Mas o que ninguém pode negar é que o fundador da Escola Moderna foi supliciado moralmente, porque o retalharam com toda a brutalidade de insinias, de falsidades, foi implacavelmente victima da execução de umas ordens fuzilantes que lhe derubaram para sempre, o organismo fisico, porque tinha muito amor à infancia redimida do fanatismo clerical, porque devotava toda a sua actividade à educação e instrução livres de todas as peias dos fantásticos teologismos dogmáticos, emfim, porque era um livre pensador às direitas que odiava a Reação fradesca e realista e aspirava à autentica Emancipação, Perfectibilidade Humana.

E' talvez por assim pensar, que o representante dos poderes constituídos que fallou a comissão da dita Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais de Portugal, com sede no Porto, disse que Ferrer não foi fuzilado, mas executado—porque se o corpo do Mártir soffre as enregelantes consequências da execução de uma sentença de morte, o fuzilamento já-mais pôde atingir, já-mais atingir, a clareza incoercível do seu Ideal, a germinalidade perdurável do seu Espirito sempre indomado a todos os ataques reaccionários?

Se assim é, não vemos porque motivo se não possa consentir a effectivação da alludida conferencia publica e comemorativa do 17.º anniversario da morte de Ferrer, quando ella seria instructiva, historica e doutrinaria apenas... Permitti-la, mas não publica, o mesmo é que desejar-se que o conferente fale simplesmente para as cadeiras. E isto, salvo melhores douts opinioes, não é um bom atestado de republicanismos...

C. V. S.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada El drama de un amor vulgar, de J. Rodriguez Aragón, — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

## VIDA SINDICAL

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares.—Reuniu-se o Conselho Central com a representação dos seguintes organismos: Compositores e Impressores Tipográficos; Litógrafos e Anexos; Liga de Santarém e Encadernadores e Anexos.

Lida e aprovada a acta é justificada a falta dum delegado da Liga das Artes Gráficas de Evora, estranhou-se as faltas do outro delegado bem como dos delegados do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, sendo ainda apreciada a situação da Liga dos Vendedores dos Jornais de Lisboa.

Lidos os officios da Liga das Artes Gráficas de Braga e Conselho Inter-federal todos os delegados protestaram contra as afirmações nos mesmos contidas, pois que todos os organismos do sul têm cumprido com os seus deveres sindicais, reconheceu-se a necessidade de pôr termo a assuntos que apenas servem para protelar outros de mais utilidade, alguns delegados affirmaram ainda que, ao contrário do que se disse, não pretendem qualquer victoria sobre os organismos do norte, mas apenas se orientam pelo que reconhecem ser de justiça...

Foi aprovada uma moção de ordem dos delegados da Liga de Santarém em que protestam contra as afirmações feitas ao referido organismo que sempre tem sabido cumprir os seus deveres.

O conselho tendo ainda apreciado assuntos de organização derivados do ultimo congresso corporativo, reprovou uma moção em que se concedendo a necessidade da constituição do Sindicato da Industria e o fracasso das tentativas feitas ao desleixo das massas indicadas em nomearem delegados seus, resolveu nomear uma comissão de três membros que convocará as direcções dos sindicatos de Lisboa, a fim de levarem à pratica os trabalhos necessários.

A comissão, que deverá apresentar os seus trabalhos numa proxima reunião, ficou constituída por Luis Gomes Adão, Joaquim Verdun e António Monteiro.

Sindicato dos Empregados no Comércio e Industria.—Comissão administrativa.—Na sua reunião efectuada em 7 de Outubro apreciou as circulares da C. S. T., sobre o parecer da crise e horário de trabalho, e da realização do Congresso Operário de Lisboa. Sobre a primeira foi resolvido officiar à Camara, fazendo-lhe sciente de que o nosso estado sobre o assunto já foi enviado em resposta ao parecer da comissão instaladora.

Sobre a segunda circular deliberou-se aderir ao congresso em principio e levar à sanção definitiva da proxima assembleia geral.